



**A FEIRA, O COMÉRCIO, OS BANCOS, A RODOVIÁRIA:
RELANCES ETNOGRÁFICOS DE GOIANA NA CRISE DA COVID-19¹**

*The street market, the shops, the banks, the bus station:
ethnographic glimpses of the Covid-19 crisis in Goiana*

Ana Paula Marcelino da Silva

Bacharela em Filosofia e mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Pesquisadora do GRUPESSC - Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (UFPB), Brasil.

Email: anapaula_marcelino@yahoo.com.br

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 418-425, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

¹ Agradeço as contribuições metodológicas, a paciência e a persistência da minha orientadora, Mónica Franch, sem as quais esse trabalho não teria sido possível.

RESUMO:

Neste breve ensaio, trago reflexões acerca das mudanças ocorridas em determinados espaços da cidade de Goiana (PE) desde o início da pandemia provocada pelo novo coronavírus e das medidas sócio-sanitárias e econômicas adotadas para minimizar os efeitos dessa situação extraordinária. A partir de anotações do diário de campo, de notícias veiculadas nas redes sociais, além da observação das mudanças espaciais adotadas para promover o distanciamento físico entre as pessoas, foi possível identificar consequências, principalmente de ordem econômica, para determinados grupos que exerciam suas atividades nas áreas centrais da cidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19. Pandemia. Goiana.
Pernambuco.

ABSTRACT:

In this brief essay, I bring reflections on the changes that have occurred at certain places of the city of Goiana (PE), since the beginning of the pandemic caused by the new coronavirus to the socio-sanitary and economic guidelines adopted to minimize the effects of this extraordinary situation. Based on field journal notes, on news published on social media, in addition to observing spatial measures adopted to promote physical distancing among people, we could identify consequences, specially of economic feature, to certain groups that used to exercise their activities in Goiana city center.

KEYWORDS:

Covid-19. Pandemic. Goiana.
Pernambuco.



“Antropologia é Filosofia com pessoas dentro”. Desde que li essa frase de Tim Ingold (2013), o que antes era angústia adquiriu ares de tangibilidade, afinal, todo o conhecimento adquirido em quase quatro anos de formação acadêmica sempre era detido por um abismo supostamente inultrapassável que ligava as ideias ao mundo real. A etnografia apareceu, então, “como história que une duas extremidades, a do mundo e a minha”, como disse Lévi-Strauss (2017, p. 62) ao passar pelo mesmo dilema. Estava, portanto, no entre-lugar, na liminaridade de Turner (1974) – entre a graduação e a pós, entre a filosofia e a antropologia.

Entretanto, tinha um vírus no meio do caminho que, inclusive, é bem maior que qualquer pedra que eu imaginei que poderia encontrar. A pandemia do coronavírus trancou comigo em casa qualquer possibilidade de finalmente estudar as “pessoas dentro” de suas realidades.

A situação é excepcional, mas talvez a solução seja sempre a mesma. Independentemente de onde e em quais condições se esteja. Pois, como disse Clarice, “deve-se viver apesar de...”. “Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra pra frente”. E empurrou. Obviamente sem romantizar a situação e reconhecendo que há limites para o próprio agir. A partir de então tudo, que inicialmente nem de longe faria parte da pesquisa, passou a protagonizá-la. (Trecho do diário de campo do dia 03.04.2020).

Os espaços que destacarei fazem parte daquilo que Magnani (2002) descreve como “mancha” – “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, p. 19). É, portanto, a partir de um olhar *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) – embora às vezes o “dentro” fosse dentro de casa – que este ensaio busca contribuir para a discussão sobre a covid-19.

O município de Goiana, estado de Pernambuco, faz divisa com o estado da Paraíba e, desde que a pandemia passou de realidade distante para acontecimento presente, a cidade vem enfrentando diversos problemas. Sua localização geográfica, que sempre a beneficiou, hoje se apresenta como um dos fatores que mais agravam a crise sanitária pela qual está passando todo o Brasil. A população de quase 80 mil habitantes aumenta em dias úteis porque a cidade recebe pessoas de cidades menores tanto de Pernambuco quanto da Paraíba, e é ponto de parada de caminhões, ônibus



e carros de passeio vindos desses dois estados.

A partir de quando o governo de Pernambuco decretou isolamento, quarentena e outras medidas restritivas e de controle da crise que se instalou em virtude da pandemia do coronavírus¹, a adesão à determinação era perceptível. Das poucas vezes que tive que sair de casa, foi possível perceber como as ruas já não estavam tão movimentadas. Escolas, bares e restaurantes, igrejas e outros espaços onde há a possibilidade de aglomeração de pessoas foram fechados. O que se viu, logo quando as medidas restritivas foram decretadas, foram ruas completamente desertas nos bairros mais afastados do centro comercial da cidade e o medo e a desconfiança nos olhos das pessoas que precisavam sair.

O decreto² de situação de calamidade pública veio no dia 26 de março acompanhado de uma determinação no mínimo curiosa: a feira livre da cidade, que antes funcionava durante toda a semana, passaria a funcionar apenas de quinta à domingo

O pátio da Misericórdia concentrava o comércio de roupas e artigos importados, mas, por causa da obra e por essas não serem atividades essenciais, todos feirantes foram retirados de lá. Acostumada a passar por lá, tive um susto quando me deparei com a cena do pátio em frente à igreja completamente vazio. Foi uma espécie de renascimento para a igreja em que funcionava a antiga Santa Casa de Misericórdia, primeiro hospital da cidade. Subi a escadaria da igreja e a vista era belíssima. Mas é o tempo que dita o significado das coisas. E onde há (re)nascimento também havia “morte”. (Trecho do diário de campo do dia 14.04.2020).

A feira surgiu e continua se expandindo ao redor da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, no centro da cidade. Enquanto os feirantes defendem a manutenção da feira no local, a prefeitura tenta atender às exigências de um projeto turístico para, se não os retirar do local, ao menos tentar organizar. Com o problema ainda por solucionar, veio a pandemia.

Uma obra do saneamento³ havia começado nas ruas ao redor do centro, mas logo chegou no local da feira, o que obrigaria uma retirada temporária dos feirantes desse local. Entretanto, com o avanço da pandemia do coronavírus, passou a ser

¹ Disponível em: <<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=49417&tipo=>>. Acesso em 30.05.2020.

² Disponível em: <http://goiana.pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/DECRETO-N%C2%BA015-2020.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

³ Disponível em: <https://servicos.compesa.com.br/compesa-explica-obra-de-esgotamento-sanitario-na-camara-de-vereadores-de-goiana/>. Acesso em: 26 maio 2020.



mandatória a necessidade de evitar aglomerações desse tipo. Insatisfeitos com a retirada do local e com a falta de contrapartida da prefeitura com relação às ações para minimizar as perdas econômicas causadas tanto pela pandemia quanto pela obra, no dia 15 de abril os feirantes organizaram uma manifestação em frente à prefeitura da cidade que reuniu dezenas de pessoas para cobrar uma solução para o caso⁴. O protesto foi parcialmente filmado e o vídeo logo se espalhou pelas redes sociais. Cerca de 50 feirantes protestavam ao lado do prédio da prefeitura. Alguns estavam usando máscaras de tecido, mas a maioria não estava de máscara ou a usava no queixo deixando a boca livre para falar. Ao perceber que estava sendo filmado, um dos manifestantes, em tom bastante alterado, reclamava que as decisões acerca da situação dos feirantes prejudicados estavam sendo tomadas sem que eles fossem consultados. Alguns guardas municipais acompanhavam o protesto sem intervir.

A gente não tem que aceitar não. Porque a realidade é nossa. O prefeito é muita bondade. Tá começando de cima pra baixo, e uma casa começa de baixo pra cima. Por que não auxiliou logo o povo em vez de ter uma atitude dessa forma? Auxiliava antes. Dava renda pro povo tá em casa. Não tentar fazer da forma que quer. Mas desse jeito aí de desmanchar o povo? Querem que o povo morra não com covid-19, mas com depressão e danos morais, danos em dinheiro! (Fala de um dos manifestantes durante o protesto, retirada de um dos vídeos compartilhados nas redes sociais).

A situação reflete um (falso) dilema que desde o princípio da pandemia no Brasil está sendo bastante discutido e por vezes deturpado: a relação entre saúde e economia.

DE PERTO E DE DENTRO...

Parecia que um grande evento iria acontecer ali. Cercas de ferro rodeavam o centro da praça João Pessoa como quando cercam as igrejas no carnaval para que o vandalismo não ultrapasse as barreiras da euforia. Apesar de as pessoas estarem do lado de fora da grade, não era carnaval. Longe disso. Na área cercada da praça já não estavam os ambulantes, mas o verde ainda falho da grama que, diariamente sendo pisoteada, tinha desistido de nascer. Ao redor da praça, coletes azuis distribuíam máscaras brancas e álcool em gel numa fila que impossibilitava as clássicas conversas sobre o clima, o preço do feijão ou qualquer coisa que servisse para passar o tempo. Ao lado, na praça Manoel Borba, a mesma banca de revista em que eu comprava figuri-

⁴ Disponível em: <<http://goiana.pe.gov.br/2020/04/15/cumprindo-decreto-estadual-prefeitura-conclui-remocao-dos-bancos-de-feira-que-nao-comercializam-generos-alimenticios/>>. Acesso em: 26 maio 2020.



nhas quando criança, estava fechada assim como todas as lojas ao redor, com exceção de um supermercado e um banco. Ao lado da banca, pessoas se aglomeravam à espera das vans e carros que fazem o transporte para cidade de Pernambuco e Paraíba. E assistindo a tudo isso lá no alto, a igreja do Amparo continuava resistindo à passagem do tempo. (Trecho do diário de campo do dia 29.04.2020).

O transporte de passageiros de cidades como Caaporã, Alhandra e Pedras de Fogo, na Paraíba, e Condado, Aliança, Timbaúba e Itambé, em Pernambuco, é feito por motoristas de transporte alternativo que são cadastrados na prefeitura de Goiana. Para agravar ainda mais a situação, Goiana possui seis distritos que compõem o seu litoral (Carne de Vaca, Pontas de Pedra, Catuama, Barra de Catuama e Atapuz), e o distrito de Tejucupapo. Também nesses locais, o transporte regulamentar de passageiros é feito pelos motoristas de transporte alternativo. A concentração do embarque e desembarque de passageiros fica na rodoviária da área central da cidade, a poucos metros dos bancos e da feira livre.

A situação nos bancos era também bastante complicada, pois além de comportarem o atendimento de algumas dessas cidades mais próximas, com o anúncio do pagamento do auxílio emergencial por parte do Executivo federal⁵, filas enormes se formaram especificamente na agência da Caixa Econômica Federal. Boa parte das pessoas estava em busca de informações sobre o benefício, pois não conseguiam sacar ou mesmo fazer o cadastro no aplicativo que fora disponibilizado. No entanto, aquele era o reflexo de uma crise política, econômica e social de consequências ainda incomensuráveis.

Esses quatro locais centrais – a feira, o comércio, os bancos e a rodoviária – são um espaço propício para se tornar o “foco” da disseminação do vírus, pois concentram um grande número de pessoas diariamente. E pessoas não só de Goiana, mas dos municípios vizinhos tanto de Pernambuco quanto da Paraíba. Em contrapartida, nas áreas residenciais da cidade as ruas ficaram praticamente vazias. Foi a partir da opção de delimitar o espaço de observação nessa *mancha* (MAGNANI, 1996) comercial que foi possível entender as mudanças ocorridas no cotidiano da cidade e no comportamento das pessoas. A rede de sociabilidade estabelecida nesses locais

⁵ Disponível em: < <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/04/auxilio-emergencial-comeca-a-ser-pago-na-quinta-feira-9>>. Acesso em: 27 maio 2020.



contíguos foi fortemente impactada pelas medidas sanitárias adotadas em virtude da pandemia, principalmente as de caráter espacial. Foi possível identificar também a adaptação dos atores sociais a essas mudanças diante da quebra parcial e repentina dessa rede de sociabilidade criada a partir de necessidades comuns concentradas nessa região. Nesse sentido, a gestão econômica da crise por parte do poder executivo, seja com relação aos feirantes (na esfera municipal) ou aos beneficiários do auxílio emergencial (na esfera federal), entra em choque com as recomendações sanitárias desses próprios poderes.



REFERÊNCIAS

INGOLD, Tim. A antropologia em crise. [08 de janeiro de 2013]. Buenos Aires: **Clarín**, 2013. Entrevista concedida a Vivian Scheinsohn; Tradução de André Langer. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/527726-a-antropologia-em-crise-entrevista-com-tim-ingold>>. Acesso em 25/05/2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Trad.: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 454 p. ISBN 9788571645707.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G.; Torres, L. L. (Orgs.). **Na metrópole** – Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: Edusp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, 2002.

PERNAMBUCO. Decreto nº 48.809, de 14 de março de 2020. Regulamenta, no Estado de Pernambuco, medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, conforme previsto na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial do Estado**, Recife, PE, 14 mar 2020.

TURNER, Víctor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 2013, 200 p.

Recebido em: 31/05/2020.
Aceito para publicação em: 20/07/2020.

